

RESENHA

A VOCAÇÃO META-DISCIPLINAR DA ETNOGRAFIA DA CIÊNCIA. **SOBRE O PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO.** OLIVEIRA, Roberto Cardoso Brasília: CNPq, 1988, pg. 161-181.

Qual o interesse de retomar esse texto, pouco lido e discutido nos currículos da antropologia nacional? Hoje em dia, com a explosão de interesse em torno de temas ligados às novas tecnologias genéticas (ver, por exemplo, Sibilía, 2002; Santos, 2000 e 2003; Fonseca, 2004; Teixeira, 2001; entre tantos outros), há uma necessidade de haver um certo debate metodológico a respeito do que significa esse movimento de entrada da etnografia em âmbitos tecnológicos. Ainda que haja um amplo debate em torno do que seja a Sociologia da Ciência ou História da Ciência, hoje disciplinas consolidadas no mundo acadêmico brasileiro e mundial, há uma relativa ausência da reflexão sobre como se fazer Etnografia da Ciência, ou Antropologia da Ciência. Ainda que tenhamos textos clássicos sobre o tema, como o de Bruno Latour (1994 e 1997), e trabalhos extensos como os de Paul Rabinow (1996 e 1999), os trabalhos etnográficos se acumulam sem que haja um debate mais abrangente das conseqüências para esse tipo de iniciativa no interior da teoria antropológica como um todo.

Roberto Cardoso de Oliveira, figura central na Antropologia brasileira, ao escrever esse texto, colocou algumas questões fundamentais para aquilo que poderíamos considerar uma Antropologia da Ciência, ou uma discussão sobre o método da Antropologia ligada a um objeto novo, a própria ciência. Ainda que o interesse do autor tenha sido o de discorrer sobre uma “Antropologia da Antropologia”, creio que grande parte do que foi escrito é de imensa valia para objetos mais comuns hoje, como novas tecnologias reprodutivas, laboratórios de genética e locais onde a ciência natural produz verdades sobre as “origens da vida”. O intenso debate atual sobre os impactos que as ciências naturais, especialmente as biotecnologias, têm sobre o corpo, precisam, a meu ver, de um debate metodológico e

epistemológico mais denso e complexo, para o qual o texto de Oliveira em muito contribui.

Como não poderia deixar de ser, o texto começa com um certo paralelo entre o que já está estabelecido como História da Ciência, e o que poderia vir a ser uma Etnografia da Ciência, dado que a História, ao apropriar-se da ciência como objeto de investigação, sugere as formas de apropriação com as quais a Antropologia teria que lidar ao tratar do mesmo objeto. Há uma distinção básica a ser reforçada, que decorre da forma como a História da Ciência constrói o seu objeto e sua condição de disciplina, que torna-se o ponto de partida para Oliveira, qual seja: a análise dos objetos da ciência, como fatos ocorridos, e a análise de conceitos e paradigmas, tornando a história ou antropologia da ciência como meta-disciplinas. Para Oliveira, a condição de meta-disciplina envolve o conhecimento da secundariedade, pois: a) versa sobre sistemas de símbolos; e b) focaliza teorias, e não seus objetos.

Mas aqui há uma distinção a ser feita, ainda segundo Granger. Distinção entre a História da Ciência debruçada sobre os “fatos da Ciência”, i.e., sobre fatos datados, e a História da Ciência voltada para “fatos epistemológicos”, alvos privilegiados de uma meta-disciplina. Ainda que tal distinção tenha um caráter exclusivamente analítico, somente nesse segundo caso é que caberia falar de História da Ciência enquanto meta-disciplina. Um fato epistemológico, ainda segundo Granger, remete a um fato estrutural do campo científico. Implica o encadeamento *interno* dos conceitos. Nesse sentido, os fatos “sociológicos” (latu sensu) seriam *externos*, capazes de atuar unicamente no atraso ou adiantamento da dinâmica científica. É assim que para Granger a estrutura interna do sistema de conceitos constitui o foco da meta-ciência, enquanto História da Ciência. (pg. 112; grifos originais do autor).

Oliveira afirma que é a etnografia interpretativa de Geertz que inaugura a Etnografia da Ciência, quando pensa uma etnografia do pensamento moderno. Mais do que isso, Oliveira parece filiar-se a uma certa etnografia interpretativa quando discorre sobre antropologia da ciência como meta-disciplina. Dessa forma, pensar a ciência seria interpretar uma certa visão de mundo, uma forma de estar no mundo. O pensamento é, assim, artefato cultural.

Ao pensar dessa forma, somos levados imediatamente a pensar os fundamentos epistemológicos do pensamento científico, questão sempre em jogo quando discutimos qualquer forma de análise social da ciência (Monteiro, 2005). Oliveira tangencia esse debate ao discutir uma certa querela entre internalistas e externalistas, como duas vertentes da História da Ciência. Internalistas, ou idealistas, não pensam a História da Ciência como algo que não seja situado no interior da obra científica, “para a analisar as diligências específicas pelas quais ela busca satisfazer às normas específicas que permitem defini-la como ciência e não como técnica ou ideologia” (pg. 165). Para os externalistas, a História da Ciência (e, por conseguinte, toda “verdade” científica) é condicionada a um certo número de acontecimentos e interesses econômicos e sociais.

Oliveira coloca que a Etnografia da Ciência consegue recuperar a noção de cultura sem privilegiar a externalidade, e menciona Thomas Kuhn (1970) quando este afirma que as posições tidas como externalistas e internalistas tenderiam a fundir-se, pelo menos na perspectiva sociológica da ciência. Isso quer dizer que ‘fatos da ciência’, como o surgimento da astronomia ou da mecânica, ocorrem associados a reviravoltas conceituais, ao mesmo tempo e não como processos de determinação causal, um do outro.

Retornando à sua divisão da Antropologia em quatro perspectivas principais (Escola Francesa, Escola Britânica, Culturalismo e Interpretativismo), ele nos lembra que, nessa disciplina, diferentemente de outros campos, o surgimento de novas abordagens conceituais, como a Interpretação, não invalida as perspectivas já existentes. As diferentes escolas convivem, em tensão e em diálogo constantes. Dessa forma, para o autor, apesar da etnografia da ciência ter se originado no interior da Antropologia Interpretativa, há espaço para que ela se efetue no interior de outras escolas. De fato, ele diz que a efetivação plena de tal

etnografia “não poderá ignorar as tensões inerentes à matriz disciplinar, operacionalizando-as sempre que as estratégias de investigação assim o exigirem” (pg. 175).

Se a Etnografia da Ciência é, assim, o olhar antropológico sobre o saber científico, tornando-o fato cultural, quer em sua externalidade, quer na sua internalidade, veremos que uma tal etnografia se realiza numa dupla dimensão: disciplinar e meta-disciplinar. O etnógrafo da ciência deve, segundo Oliveira, socializar-se na prática científica investigada, a ponto de tornar-se um falante da linguagem científica veiculada pelos “nativos”. Isso sugere formas de interação com o ambiente científico ainda pouco explorados nas etnografias existentes no país, e sugere problemas metodológicos que precisam ser investigados e pensados a fundo nos próximos trabalhos desse campo emergente. De que formas esta interação deve ocorrer? Como imergir nessa linguagem científica sem adotar a-criticamente o discurso nativo e seus conceitos, que são afinal parte integrante de uma cosmologia ocidental moderna, da qual nós mesmos fazemos parte? Como lidar com as hostilidades direcionadas ao etnógrafo quando tentamos adentrar templos da objetividade e da verdade experimental, nós que somos vistos como portadores de um discurso científico “fraco” ou “subjetivista”?

Referências bibliográficas

FONSECA, Claudia. “A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA”, in **Estudos Feministas**. Florianópolis, 12(2):264, 2004, pp. 13-34.

KUHN, Thomas. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório: A produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

RABINOW, Paul. **Essays on the Anthropology of Reason**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

_____. **French DNA: Trouble in Purgatory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

SANTOS, Laymert Garcia dos. “Código Primitivo – Código Genético: A consistência de uma vizinhança”. In Eric Alliez (org.) **Gilles Deleuze**: Uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000, pg. 415-421.

_____ **Politizar as Novas Tecnologias**: O impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

TEIXEIRA, Márcia de Oliveira. “Interações entre humanos e não-humanos na produção de conhecimentos tecnocientíficos em saúde: limites teórico-metodológicos da pesquisa em Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia”. Paper apresentado no **XII Congresso de Sociologia**, 2001.

Marko Monteiro